

## Capítulo II

A ideologia da modernização

Ruben George Oliven

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEN, RG. *Urbanização e mudança social no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. A ideologia da modernização. pp. 24-33. ISBN 978-85-7982-001-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Capítulo II

### A Ideologia da Modernização\*

O capítulo anterior analisou os diferentes enfoques sob os quais a cidade é estudada sociologicamente. Embora tenha-se argumentado que atribuir à cidade *per se* o poder de induzir mudanças sociais e culturais é um enfoque falacioso, uma grande parte daquele capítulo foi dedicada a analisar as proposições que foram formuladas pelos representantes daquela perspectiva. A razão deste procedimento se deve a que algumas destas proposições ainda continuam sendo temas constantes nas ciências sociais e frequentemente emergem sob forma semelhante em outras teorias que se ocupam com a mudança social e cultural, como, por exemplo, a da modernização.

Esta teoria, que durante longo tempo gozou de considerável prestígio entre a comunidade de cientistas sociais, principalmente norte-americanos, se constitui num interessante exemplo de uma ideologia cujo propósito é o de justificar o estado de desenvolvimento das sociedades mais adiantadas e o de subdesenvolvimento das sociedades mais atrasadas, encobrendo as verdadeiras causas desta situação. Ela opera através de um mito (a modernização) que procura explicar como as diferenças culturais entre várias sociedades seriam responsáveis pelas suas diferenças econômicas e sociais.

No capítulo anterior assinalou-se que os autores clássicos que encaravam a cidade como uma variável independente manifestavam uma visão bastante pessimista daquilo que eles consideravam as consequências da urbanização, enfatizando a desorganização cultural e a heterogeneidade que eles acreditavam serem oriundas dela. Os teóricos da modernização, por seu turno, não estão especificamente

interessados em cidades e tendem a ser mais otimistas sobre a mudança social, enfatizando em vez disto o processo de homogeneização de indivíduos e sociedades. O que ambos os modelos têm em comum é sua preocupação com a mudança social (que eles não vinculam a qualquer sistema produtivo específico) e com o surgimento de novos comportamentos e orientações culturais.

A modernidade é geralmente caracterizada em duas dimensões: ao nível de sociedades e ao nível de indivíduos. No primeiro caso, diferentes sociedades são comparadas de acordo com certos indicadores; no segundo caso, o foco é centrado nos indivíduos que são classificados em termos de comportamentos e atitudes mais ou menos modernos<sup>1</sup>.

#### Segundo Smith e Inkeles,

empregado para descrever uma sociedade, ‘moderno’ geralmente significa um Estado nacional caracterizado por um complexo de traços incluindo urbanização, altos níveis de educação, industrialização, mecanização extensiva, altas taxas de mobilidade social, etc. Quando aplicado a indivíduos, refere-se a um conjunto de atitudes, valores e modos de sentir e agir, presumivelmente do tipo gerado por ou requerido para uma efetiva participação numa sociedade moderna<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Existe uma ampla literatura sobre modernização. Ver, entre outros, Lerner, Daniel. *The Passing of Traditional Society*. New York, The Free Press, 1958; Hoselitz, Bert F. *Sociological Aspects of Economic Growth*, Glencoe, The Free Press, 1960; McClelland, David C. *The Achieving Society*, Princeton, D. Van Nostrand, 1961; Hagen, Everett E. *On the Theory of Social Change*. Homewood, Dorsey Press, 1962; Weiner, Myron (ed.). *Modernization. The Dynamics of Growth*. New York, Basic Books, 1966; Eisenstadt, S. N. *Modernization: Protest and Change*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1966; Levy, Marion J. Jr. *Modernization and the Structure of Societies*. Princeton, Princeton University Press, 1966; Germani, Gino. *Sociologia de la Modernización*. Buenos Aires, Paidós, 1969; Inkeles, Alex, e Smith, David H. *Becoming Modern*. London, Heineman, 1974.

<sup>2</sup> Smith, David Horton, e Inkeles, Alex. “The OM Scale: A Comparative Socio-Psychological Measure of Individual Modernity”, in *Sociometry*, vol. 29, n. 4, 1966, p. 353. Existe uma grande variedade de traços que são apontados pelos teóricos da modernização como sendo característicos de indivíduos modernos. Muitos destes autores seguem explícita ou implicitamente o modelo das “variáveis-padrão” elaborado por Parsons. (Ver Parsons, Talcott e Shills,\* Publicado originalmente na Revista Mexicana de Sociologia, volume 41, 1979.

---

\* Publicado originalmente na Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano V, 1977.

Em ambos os casos, em que pesem as diferenças entre os autores, opera-se com dois conceitos dicotômicos — tradicional e moderno — que são considerados como extremos opostos de um *continuum*. As sociedades, bem como os indivíduos são classificados em uma destas duas categorias ou são encaixados em escalas que variam de um maior grau de tradicionalismo até um grau maior de modernismo e que representariam pólos opostos localizados no início e no término de um processo de mudança.

Como outras teorias dicotômicas, a tese da modernização postula um modelo a-histórico e linear de mudança social e evolução. Em seus termos mais simples, a teoria sustenta que, dadas certas condições, todas as sociedades podem mover-se do extremo tradicional ao moderno, o qual é tipificado pelos mais adiantados países capitalistas do Ocidente.

Assim todas as sociedades estariam em algum ponto do *continuum* tradicional-moderno e poderiam avançar nele. A principal razão para uma sociedade estar em uma posição atrasada ou adiantada no *continuum* seria, então, o grau de tradicionalismo ou modernismo das atitudes e valores de seus membros, quer das elites ou das massas, ou de ambas.

Trata-se, portanto, de uma peculiar teoria de desenvolvimento, ou seja, uma que enfatiza fatores culturais e psicossociais como a fonte causal de mudanças sociais e econômicas. Ela encara a história como uma sucessão de estágios pelos quais todas as sociedades podem, mais cedo ou mais tarde, passar e postula que atributos e fatores culturais são responsáveis pelos atrasos e avanços na posição de sociedades neste *continuum*.

O modelo da modernização faz uso de fontes teóricas bem conhecidas. Como assinala Tipps,

A maioria dos teóricos da modernização optou (...) por localizar suas definições no âmbito do marco conceitual mais amplo fornecido pelo enfoque 'dicotômico'. Em nenhum lugar a influência da teoria evolucionista do século dezanove é mais evidente que aqui. Através

---

y \*Publicado originalmente em Blay, Eva Alterman (org.). A Luta pelo Espaço. Petrópolis, Vozes, 1978.

do artifício de contrastes típico-ideais entre os atributos de tradição e modernidade, os teóricos da modernização fizeram pouco mais do que resumir com a ajuda das variáveis-padrão de Parsons e alguma atualização etnográfica, os esforços anteriores de homens como Maine, Tönnies, Durkheim, e outros na tradição evolucionista para conceituar a transformação de sociedades em termos de uma transição entre tipos polares da variedade status-contrato, *Gemeinschaft-Gesellschaft*<sup>3</sup>.

Existem várias críticas que podem ser feitas a este tipo de teoria. A primeira é que o enfoque da modernização praticamente não leva em consideração o fato de que nos últimos séculos a maioria das sociedades estiveram em contato entre si e que o tipo de relacionamento que foi estabelecido entre elas é altamente importante no que diz respeito à sua situação social e econômica. Neste sentido, no que concerne a relações econômicas internacionais, a maioria dos países desenvolvidos tem posição metropolitana, enquanto que os subdesenvolvidos têm uma posição periférica e dependente. É, pois, fundamental ter em mente que a partir do século XVI uma economia mundial passa a ser formada e que torna-se sem sentido pretender que qualquer sociedade possa ser uma entidade isolada.

Uma segunda crítica a ser formulada é a mesma que pode ser dirigida a qualquer teoria mecanicista, ou seja, de que a história não se constitui numa sucessão linear, mas que ela está permeada por avanços, recuos e estagnações e é impregnada de contradições. É importante ter em mente que a esfera sócio-econômica e a cultural não mantêm uma relação de linearidade do tipo mecanicista. Assim como mudanças sócio-econômicas não implicam automaticamente em mudanças culturais, também pode haver a ocorrência de mudanças culturais que não afetam diretamente a esfera sócio-econômica.

Neste sentido é útil reter a distinção que Costa Pinto traça entre modernização e desenvolvimento :

...modernização é um processo que consiste na adoção, por uma sociedade em mudança, de padrões de consumo, de comportamento,

---

<sup>3</sup> Tipps, Dean C. "Modernization Theory and the Comparative Study of Societies: A Critical Perspective", in *Comparative Studies in Society and History*, vol. 15, n. 2, 1973, p. 204.

de instituições, valores e ideias característicos de sociedades mais avançadas enquanto desenvolvimento, por outro lado, implica mudanças estruturais que alteram basicamente o perfil de sua estrutura econômica e social. Nesse sentido a modernização, sociologicamente encarada, é um processo mais epidérmico, enquanto o desenvolvimento é um processo mais profundo. A modernização pode ser, por um tempo relativamente largo, compatível com a permanência de uma estrutura econômica e social do tipo colonial; enquanto o desenvolvimento, por definição, implica necessariamente o câmbio desta estrutura colonial de economia e sociedade<sup>4</sup>.

Uma terceira crítica pode ser dirigida ao determinismo cultural em que a teoria da modernização incorre: desenvolvimento e subdesenvolvimento são encarados como o resultado de atitudes e valores modernos ou tradicionais. McClelland, por exemplo, sustenta que “as ideias são de fato mais importantes para moldar a história do que arranjos puramente materialistas. (...) são os valores, as motivações ou forças psicológicas que determinam em última instância a taxa de desenvolvimento econômico e social”<sup>5</sup>.

O modelo subjacente a este tipo de proposição é uma deturpação da obra clássica de Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, cujo propósito foi o de analisar a influência de uma religião específica no desenvolvimento do capitalismo em um período histórico definido. Entretanto, o que a maioria dos teóricos da modernização faz é levar o modelo de Weber além do razoável e transformar o que foi um exemplo específico numa regra universal, caindo assim num determinismo cultural. Não seria então a economia o fator causal da história mas a cultura: a um determinismo econômico eles contrapõem um determinismo cultural<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Costa Pinto, L. A. “Modernização e Desenvolvimento”, in Costa Pinto, L. A., Bazzanela, W. (org.). *Teoria do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967, p. 193.

<sup>5</sup> McClelland, David C. “Motivational Patterns in Southeast Asia with Special Reference to the Chinese Case”, in *Journal of Social Issues*, vol. 19, 1963, p. 18.

<sup>6</sup> É oportuno assinalar que boa parte do determinismo cultural é dirigida contra o determinismo econômico, do qual aquilo que é chamado de “marxismo vulgar” é um exemplo. Ele utiliza a proposição de Marx de que “não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência” (Marx, Karl, e Engels, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Portugal, Editorial Presença, 1974, vol. 1. p. 26) e procura encontrar mecanicamente

É importante assinalar que muitas aplicações deste enfoque tão unidimensional chocam-se com a posição de Weber que era essencialmente relativista, já que ele acreditava que só se podia obter perspectivas da realidade e portanto sugeriu que não se devia postular os nossos próprios pontos de vista como sendo melhores do que quaisquer outros. Como ele fez questão de frisar: “... meu objetivo não é o de substituir uma interpretação materialista e unilateral da cultura e da história por uma interpretação espiritualista e igualmente unilateral. Cada uma é igualmente possível, mas cada uma, se não serve como uma preparação, mas como a conclusão de uma investigação, alcança igualmente pouco no interesse da verdade histórica”<sup>7</sup>.

Uma quarta crítica que pode ser formulada é a de que, embora ela enfatize fatores culturais, existe uma forte dose de etnocentrismo na teoria da modernização. O fato de que as sociedades adiantadas do Ocidente são tomadas como o estágio final no paradigma da modernização levou inclusive alguns autores a substituir este último termo por “ocidentalização”, num procedimento que trai as pressuposições ideológicas que estão no bojo da teoria<sup>8</sup>.

---

as relações entre a infra-estrutura e a superestrutura. Mas, como estas relações são de uma natureza mais complexa e contraditória (como Marx fez questão de salientar em suas obras), os resultados deste procedimento distorcido geralmente causam desapontamento. Assim, por exemplo, tentativas ingênuas de encontrar uma consciência de classe no comportamento dos trabalhadores em todos os tipos de situações do dia-a-dia frequentemente acabam sendo refutadas pela realidade e são muitas vezes interpretadas de um modo bastante *ad hoc* como exemplos de falsa consciência.

Para análises da importância que Marx atribuía a fatores ideológicos e culturais na história ver, entre outros, Goldmann, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia*. São Paulo, DIFEL, 1972; Williams, Raymond. “Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory”, in *New Left Review*, n. 82, 1973; Swingewood, Alan. *Marx e a Teoria Social Moderna*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

<sup>7</sup> Weber, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. London, George Allen & Unwin, 1976, p. 183.

<sup>8</sup> Ver Gist, Noël, e Fava, Sylvia F. *Urban Society*. New York, Thomas Y. Crowell, 1964, p. 272.

Nikomorow cita uma variedade de exemplos do etnocentrismo ocidental dos teóricos da modernização: “(...) a adoção de qualquer prática cultural ocidental, a importação de quaisquer bens materiais ocidentais constitui modernização (...). A ocidentalização é um tipo predominante de modernização no século XX” (Riggs, F. “The Theory of Developing

Comparando o viés etnocêntrico dos teóricos da modernização com o dos evolucionistas sociais do fim do século XIX, Tipps assinalou que

embora a linguagem tenha sido mudada e teorias raciais tenham sido descartadas, os teóricos da modernização continuam a ser motivados por aquilo que Mazrui chamou de ‘autoconfiança da realização etnocêntrica’. Assim, embora a terminologia da teoria contemporânea da modernização tenha sido asseada um pouco para dar uma impressão mais neutra — ela fala de ‘modernidade’ em vez de ‘civilização’, ‘tradição’ em vez de ‘barbárie’ — ela continua a avaliar o progresso de nações, do mesmo modo que seus antepassados, por sua proximidade às instituições e valores das sociedades ocidentais e particularmente anglo-americanas<sup>9</sup>.

Assim, o fato de que determinadas sociedades são definidas como o ápice do processo de modernização leva muitos teóricos a tentar forçar todos os tipos de mudança social que ocorrem em sociedades não-ocidentais naquilo que Bendix chamou de “o leito de Procrusto da experiência européia”<sup>10</sup>.

Como as bases do modelo são bastante frágeis, isto obviamente se reflete em estudos empíricos, quando em pesquisas que procuram

---

Politics”, in *World Politics*, vol. 16, p. 61). “Historicamente, modernização é o processo de mudança para os tipos de sistemas sociais, econômicos e políticos que se desenvolveram na Europa ocidental e América do Norte entre os séculos XVII e XIX, espalhando-se, então, por outros países europeus e, nos séculos XIX e XX, pelos continentes sul-americano, asiático e africano”. (Eisenstadt, S. N. *Modernization, Protest and Change*, Englewood-Cliffs. N. J. Prentice-Hall, 1966, p. 1). “Chamarei um sistema de modernizado na medida em que ele se aproxima do tipo de sistema existente nas modernas sociedades ocidentais, tomando bem arbitrariamente os Estados Unidos como extremo até agora alcançado neste sentido”. (Levy Jr., Marion. “Some Social Obstacles...”, p. 449). “A América do Norte representa o mais avançado tipo de moderna sociedade industrial — não, é claro, no sentido de superioridade moral, mas no sentido de que as forças da modernização foram mais longe aqui. A América do Norte se tornou um laboratório para o futuro de nosso planeta (...)” (Berger, B. *Societies in Change*. Basic Books Inc., 1971, p. 286). “ (...) A Sociedade americana apresentou ao mundo seu mais desenvolvido modelo de modernidade (...)” (Lerner, Daniel. *The Passing of Traditional Society*. Free Press, 1964, p. 82). Para outros exemplos ver Nikomorrow, Grazyna. “A Critique of the Modernization Paradigm”, in *The Human Factor*, vol. 12, nn. 2 e 3, 1974.

<sup>9</sup> Tipps. *Cit.*, p. 206.

<sup>10</sup> Bendix, Reinhard. “Tradition and Modernity Reconsidered”, in *Comparative Studies in Society and History*, vol. 9, n. 3, 1967, p. 323.

comparar diferentes culturas, muitos vieses ocidentais impedem a compreensão de achados que deveriam ser explicados em termos de sua relação com a cultura específica onde eles ocorrem.

Inkeles, por exemplo, ao realizar um estudo comparativo de diferentes culturas, frisou várias características daquele que ele chama o homem moderno. Uma delas é a dignidade: “Nós entendemos que o homem mais moderno é alguém que possui consciência da dignidade dos outros e mais disposição para mostrar respeito por eles. Nós sentimos que isto se evidencia muito claramente em atitudes em relação a mulheres e crianças”<sup>11</sup>.

Ao usar a dignidade (medida pelo tratamento dado a mulheres e crianças) como uma das características do homem moderno, Inkeles emprega um indicador que é etnocêntrico. A dignidade, assim como a honra<sup>12</sup>, é obviamente um conceito relativo que varia no tempo e no espaço. Cada cultura tem seus próprios critérios para avaliar estes conceitos, que vão desde a capacidade de sofrer em silêncio até o dever de vingar um parente assassinado. O modo de tratar mulheres e crianças varia consideravelmente não só entre culturas “tradicionais” e “modernas”, mas também entre os vários tipos de culturas “modernas”.

Kahl, em um estudo sobre modernismo entre trabalhadores brasileiros e mexicanos, pressupõe que a concordância com a afirmação “O filho de um trabalhador não tem muita chance de chegar até as profissões liberais” significa uma atitude tradicional<sup>13</sup>. O conhecimento da realidade brasileira e mexicana indica, entretanto, que a probabilidade de um filho de operário concluir um curso universitário é bastante remota. Portanto, a resposta considerada tradicional é em verdade muito realista, uma vez que ela está calcada numa avaliação bastante objetiva de possibilidades.

---

<sup>11</sup> Inkeles, Alex. “The Modernization of Man”, in Weiner, *op. cit.*, p. 144.

<sup>12</sup> Ver Berger, Peter L.: Berger, Brigitte; Kellner, Hansfield. *The Homeless Mind. Modernization and Consciousness*. Harmondsworth, Penguin, 1974, esp. “Excursus: On the Obsolescence of the Concept of Honour”, p. 78-89.

<sup>13</sup> Kahl, Joseph A. *The Measurement of Modernism. A Study of Values in Brazil and Mexico*. Austin, University of Texas Press, 1968, p. 30.

Nesta mesma linha, Queiroz relata o caso do sociólogo indiano S. P. Bose que teve um artigo rejeitado duas vezes pela revista norte-americana *Rural Sociology* porque sua pesquisa demonstrou que num Estado da Índia os lavradores mais “modernos” não eram os mais eficientes em termos de produtividade e rendimento econômico. A revista insistiu que seus resultados eram “ilógicos” e que devia ter ocorrido um erro técnico com seus dados e não publicou seu artigo, apesar de já ter publicado contribuições suas previamente<sup>14</sup>.

Queiroz também menciona uma pesquisa em uma área rural do Brasil na qual o único lavrador que tinha um trator (e que normalmente seria considerado “moderno”) somente o usava para levar a família a passear aos domingos e feriados a fim de se exibir diante dos vizinhos<sup>15</sup>. Neste sentido, no caso da agricultura brasileira, Oliveira sugeriu que para vários produtos é mais competitivo utilizar técnicas “primitivas” do que “modernas” e que isto é altamente funcional à acumulação capitalista no país como um todo<sup>16</sup>.

Mesmo em sociedades industriais adiantadas também se constata a persistência de vários comportamentos, instituições e valores normalmente considerados “tradicionais” e que longe de serem “disfuncionais” estão em verdade perfeitamente integrados à sua dinâmica<sup>17</sup>. E “frequentemente se esquece que a primeira nação industrial, a Inglaterra, era conservadora em estrutura no século XIX e era considerada por von Ranke como possuindo mais das restantes instituições do medievalismo do que qualquer outro país europeu”<sup>18</sup>.

Estes exemplos, que podem ser multiplicados, são reveladores pois mostram que um grande número de teóricos da modernização

deixam de levar em consideração que em muitas ocasiões comportamentos que parecem ser “tradicionais” são em verdade altamente racionais dadas as circunstâncias. O que é talvez mais surpreendente é que autores que utilizam um enfoque tão culturalista esqueçam o pressuposto básico do culturalismo, ou seja, o do relativismo cultural.

Em síntese, o que sobressai na análise da teoria da modernização é o fato de se tratar de uma ideologia que postula um modelo a-histórico e linear de mudança social baseado num determinismo cultural. Ela é operacionalizada através de uma dicotomia que dá uma visão dualista de fenômenos que em verdade são bem mais complexos e dinâmicos. Este modelo tem um forte viés etnocêntrico e raramente é utilizado para estudar o nível de consciência das classes sociais ou suas práticas e representações face às orientações culturais associadas com o desenvolvimento do capitalismo. Do modo como é utilizado pela maioria de seus teóricos, o modelo da modernização não passa de uma ideologia que procura mascarar as causas da situação dos países subdesenvolvidos, propondo características culturais como sendo responsáveis por seu atraso.

---

<sup>14</sup> Queiroz, Maria Isaura Pereira de. “Por que uma Sociologia dos Grupos Rurais?”, in *Sociologia Rural*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969, p. 20s. Este livro também inclui a tradução do artigo de Bose sobre sua pesquisa.

<sup>15</sup> Id., *ibid.*, p. 22-24.

<sup>16</sup> Oliveira, Francisco de. “A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista”, in *Estudos CEBRAP*, n. 2, 1972.

<sup>17</sup> Ver a este respeito, por exemplo, Abercrombie, Nicholas, e Hill, Stephen. “Paternalism and patronage”, in *British Journal of Sociology*, vol. 27, n. 4, 1976.

<sup>18</sup> Weinberg, Ian. “The Problem of the Convergence of Industrial Societies: A Critical Look at the State of a Theory”, in *Comparative Studies in Society and History*, vol. 11, n. 1, 1969, p. 12.